

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

20 de Agosto a 2 de Setembro de 2019 | Nº 188 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça

.... Kz 50,00

Pág.
3-7

ECO DE ANGOLA

A retraditionalização do poder endógeno



EDITORIAL

Pág.
2

O legado de Amélia Mingas



GRAFITOS NA ALMA

Pág.
12

Crónica de um relógio (que parou no tempo)



DIÁLOGO INTECULTURAL

Pág.
13-14

Toni Morrison:

força visionária e poesia



A luta da mulher angolana e o legado de Amélia Mingas



JOSÉ LUÍS MENDONÇA

A perpetuação da memória do contributo da mulher angolana na gestação e edificação do país tem registos memoráveis, um dos quais se encerra na obra literária.

Estamos a recordar Deolinda Rodrigues, com o seu poema África, estamos a reler mentalmente o poema Testamento, de Alda Lara e, neste momento, temos em cima da banca de jornalista o livro Interferências do Kimbundu no Português Falado em Lwanda, da insigne professora e linguísta Amélia Mingas.

Começamos pela guerrilheira activa, Deolinda: "*Mamã África/ Geraste-me no teu ventre/ nasci sob o tufão colonial/ chuhei teu leite de cor/ cresci atrofiada/ mas cresci juventude/ rápida como a estrela que corre/ quando morre o nganga.// Hoje sou mulher/ não sei já se mulher se velhinha/ mas é a ti que venho/ África Mamã África. // Tu que me geraste não me mates/ não praguejes um rebento teu,/ senão não tens futuro.// Não sejas matricida/ Sou Angola,/ a tua Angola.*"

Alda Lara diz, no seu Testamento, "*À prostituta mais nova/ Do bairro mais velho e escuro,/ Deixo os meus brincos, lavrados/ Em cristal, límpido e puro.../ (...) Quanto aos meus poemas loucos,/ Esses, que são de dor/ Sincera e desordenada.../ Esses, que são de esperança,/ Desesperada mas firme,/ Deixo-os a ti, meu amor.../ Para que, na paz da hora,/ Em que a minha alma venha/ Beijar de longe os teus olhos,/ Vás por essa noite fora.../ Com passos feitos de lua,/ Oferecê-los às crianças/ Que encontrases em cada rua...*"

Amélia Mingas escreveu, na página 91 da sua obra: "*Sempre que duas comunidades de culturas e línguas diferentes entram em contacto, é favorecida a introdução de elementos de uma língua (em princípio a primeira) na outra, o que não pode deixar de modificar a segunda língua a ser aprendida. (...) A partir destes pontos de reflexão, e tendo em conta o tipo de relações que caracterizam a situação colonial parece evidente que o português, mais do que o kimbundu (apesar da sua condição de língua não prestigiada), foi o que sofreu a um nível mais elevado o fenómeno da interferência.*"

Estas três figuras femininas da História política e cultural de Angola já não estão connosco. Nelas encontramos um ponto de confluência: o amor à terra e ao povo. Se Deolinda Rodrigues levou esse amor ao ponto mais alto da luta e do martírio, o seu maior delírio existencial de africana foi a incompreensão de uma luta entre irmãos no maquis (*Tu que me geraste, não me mates*). Alda Lara, médica de profissão, deixa-nos a visão de uma Angola idílica, onde o amor domine e onde os deserdados encontrem uma mão de afecto e uma palavra de amor.

Amélia Mingas passou pelo exílio da luta pela independência. Antes, já tinha sido uma jovem consciente da missão sagrada de ensinar. E foi a ensinar que ela nos deixou, há dias, quando o Cacimbo se despede de nós, com a lição das línguas que se transformam e se interpenetram, ininterrupta, imperceptível e naturalmente, como tudo o que se vê nesta nossa Angola ainda em busca da sua unidade, para conseguir ler os sinais que estas três mulheres e outras nos deixaram: o amor ao povo, base do patriotismo e do desenvolvimento.

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Rui André
Marques Upalavela, Luena Kassonde
Ross Guinapo

Administradores Não Executivos

Filomeno Jorge Manaças
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 188/Ano VII/ 20 de Agosto a 2 de Setembro de 2019
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editor:

Gaspar Micoló

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
e Waldemar Jorge

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

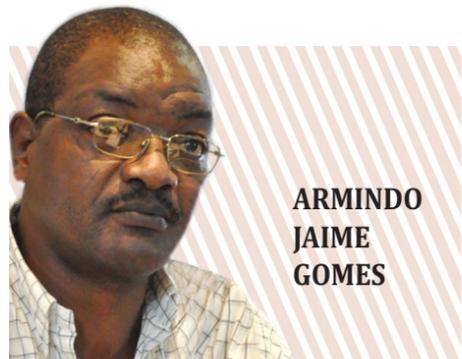
Angola: Armindo Jaime Gomes, Barros Neto, Carlos Ervedosa, Carvalho Neto, Luamba Muinga, Mário Pereira, Mutambi Wa Cimene, Salas Neto

Moçambique: Carlos dos Santos

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha, Correio da Unesco, Modo de USAR & CO, Obvious Magazine e Engenharia é.

A retraditionalização do poder endógeno



ARMINDO
JAIME
GOMES

Entre 2002 e 2019 aconteceram três Encontros Nacionais sobre as Autoridades Tradicionais angolanas. Quanto ao contexto prático, pouco ou nada se sabe sobre os consequentes resultados. Os problemas levantados no primeiro encontro de 2012 apareceram no terceiro de 2019, como se o segundo de 2008 não tivesse acontecido. E mais, de lá para cá, a quantidade de membros das autoridades tradicionais aumentou para 4666, cerca de 260 por província, detestando o epíteto que lhes foi atribuído de “autoridades tradicionais”, rejeitando o uniforme do Estado, rogando o aumento das mensalidades, questionando os critérios de selecção para tais cargos, se é com base em sucessão ou herança, disputando as áreas de actuação e os respectivos limites entre eles e os coordenadores de bairros, Administradores do Estado e assim como entre os sobas, olosekulu e “Reis”, solicitando esclarecimentos sobre a diferença entre os assalariados e os filantropistas, etc.

Da parte da organização, sabe-se que os dois primeiros encontros foram auspiciados pela Administração do Estado, portanto, as autoridades Tradicionais eram, ou pareciam ser membros-“auxiliares” da administração Local do Estado, sem suporte de Lei. Sem qualquer, o terceiro o terceiro encontro aconteceu sob responsabilidade do Ministério da Cultura, portanto, as Autoridades Tradicionais terão deixado de serem membros-auxiliares da Administração local do Estado para acervo patrimonial, tal como a perspectiva do uso do conceito de Autoridade “Tradicional” tem, de veras, induzido, aumentando-os sem critérios nem legislação.

Na tentativa de ajudar a esclarecer o dilema, deslocamo-nos ao encontro da realidade tradicional mbalundu do município do, planalto central de Angola por causa da figura de Ekwikwi que, por inúmeras razões, se pretende perpetuar da endogeneidade (tradicionalidade!) à exogeneidade (modernidade!).

Ora, independentemente de Mutu ya Kevela ter terminado as suas façanhas com derrota perante a envergadura portuguesa (Pélissier, 1997) co-



Rei-Bailundo-Armindo-Francisco-Kalupeteca-Ekwikwi-V

mo seria de esperar (Sanjukila, 1997), o impacto da sua reacção colocou o Estado Mbalundu numa posição historicamente privilegiada, quer no contexto umbundu, particularmente, quer na própria realidade africanobantu. Aliás, décadas antes, Ekwikwi II jogou um papel muito importante, quer na diplomacia e relações internacionais, quer na organização interna e desenvolvimento socioeconómico do seu país.

O impacto das acções militares daquele general só veio reforçar pois, a nível local, permitiu perpetuar o poder das autoridades tradicionais endógenas perante o colonialismo português implementado posteriormente, mesmo sem território com fronteiras de modelo ocidental, nem povo evidentemente limitado, expressos na ordem consuetudinária, ao contrário dos demais Estados que ficaram reduzidos na íntegra à administração colonial até à proclamação da independência política (cfr Fernandes, 2012) ocorrida em 1975.

Ainda assim, no decurso da colonização, foi fundada a cidade, criado o distrito (Milheiro, 1972) e hoje a província do Huambo, no planalto central de Angola que tem monopolizado os resíduos do poder das autoridades tradicionais endógenas Mbalundu, da era pós Mutu ya Kevela, permitindo que a realeza Wambu, ainda que reduzida pelo colonialismo, permanença à sombra da regedoria colonial (Pacheco, 1997) entre Nganda la Kawe e Samisasa.

Os colonialistas portugueses que impuseram o fim da hegemonia política umbundu (Malumbu, 2005) em An-

gola com a criação da figura de Regedor (Cuehela, 1996) sem que se apercebessem que a existência de Olombala (Gonçalves, 1984), que a província do Huambo particularmente tem conservado até então, pressupunha a presença da autoridade tradicional endógena de corpo e alma de forma perpétua se não fossem os problemas consequentes à independência de 1975 a 2002 e seguintes.

ADINASTIA EKWIKWI

Nitidamente sobreviveram fora do anonimato vários soberanos (Isaacman, & Vansina, 1987) seguidos depois de Mutu ya Kevela, mas é a aparente linha recta da provável dinastia Ekwikwi que chama atenção com os títulos dos seguintes soberanos:

Ekwikwi I - título com muito poucas referências, ficando na tradição sem lições susceptíveis de lembrá-lo, se não fossem os longínquos sucessores que o perpetuaram.

Ekwikwi II (1876-1893) - sobre este título, com apenas 17 anos sustentados, muito se fala e é o que dá vitalidade nos demais. A história académica de Angola catalogou-o como progressista, revolucionário, herói da resistência à ocupação colonial portuguesa. O seu reinado coincidiu com o apogeu do mercado internacional sertanejo à longa distância em que mercadorias substituintes do escravo traficado como cera, borracha, marfim, fizeram de Mbalundu um país potencialmente conhecido em África. Além da agricultura familiar incentivada, principalmente o cultivo de cereais como o milho que sustentou a exportação, ii) preparou o povo para o exer-

cício militar contra a invasão tuga, iii) apostou na diplomacia e relações internacionais mas, foi Numa II seu sucessor imediato que enfrentou a guerra contra a artilharia lusa de grande calibragem. Em sua memória, o governo angolano ergueu em 2010 uma sumptuosa estátua no centro da cidade do Bailundo.

Ekwikwi III - também conhecido por Kapiñala Ekwikwi (“kapiñala” do verbo “okupiñala”, substituir em língua portuguesa falada em Angola, o mesmo que «substituto do Ekwikwi»). Oficialmente foi baptizado com o nome de Manuel da Costa, sem afinidades com Ekwikwi II nem com o poder da autoridade tradicional endógena. Simplesmente foi guardião do trono há mais de 20 anos, de 1977 a 1998, período caracterizado pela desordem política vivida no município do Bailundo em que a UNITA e o MPLA foram fiéis protagonistas, culminando na década 1980 com a captura do Soma e forçado a seguir para a Jamba, o bastião político-militar da resistência da UNITA.

Reassentado em 1992, no cumprimento dos preceituados do protocolo de Bicesse, com o Bailundo sob controlo militarizado das forças armadas da UNITA, Ekwikwi III retomou a liderança da Ombala Mbalundu, aproveitando a vacatura deixada por abandono de Augusto Katchitopololo que o havia substituído por ordens essencialmente políticas de Arão Chitekulu, então Comissário Provincial do Huambo em representação do MPLA, que o elevou à categoria de Rei Ekwikwi III do Bailundo.

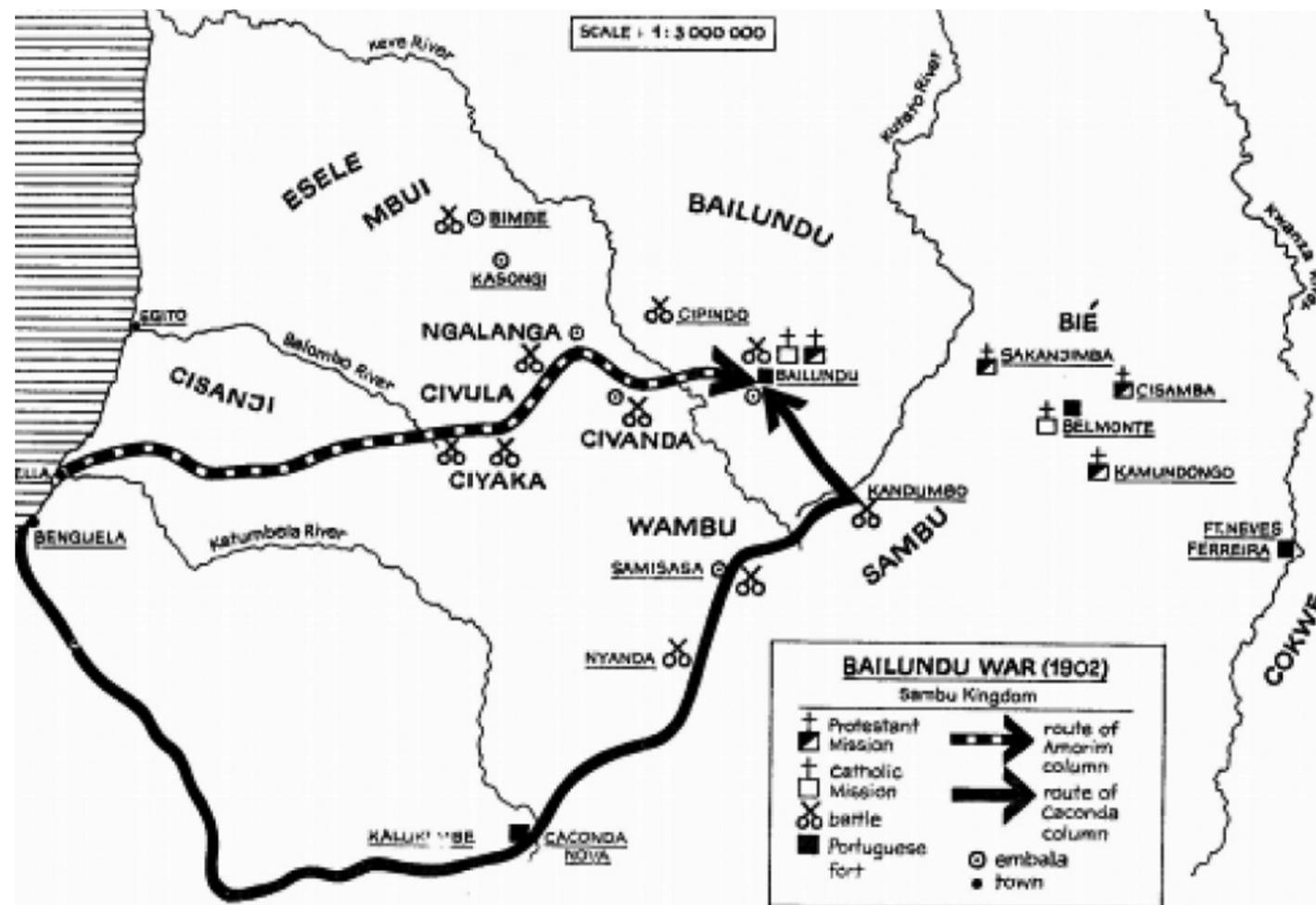
Foi David Sapata, então Comissário municipal do Bailundo que, em 1977,

sob coerção tornou instável o poder da autoridade tradicional endógena Mbalundu até 1979, altura que caiu mortal numa emboscada atribuída às forças armadas a mando da UNITA. Durante o período da ausência de Ekwikwi III do Bailundo (Manuel da Costa), de 1977 a 1998, então em convívio com a UNITA algures na Jamba, era Augusto Katchitipololo, o Rei Ekwikwi III do Bailundo sob protecção do MPLA e quando a UNITA tomou de assalto o Andulo e o Bailundo, aquele reocupou o Mbalundu e este refugiou-se no Huambo, cada um em convívio com as autoridades do seu partido.

Sucedu que Ekwikwi III (Manuel da Costa) faleceu pouco tempo depois, sem honras de Soma y'Oloso-ma, sem direito aos akokoto. Para o seu lugar, a UNITA percorreu a miúdo as matrinhagens de Etunda e Lunge em perseguição da linha recta da consanguinidade de Utondosi, Rei do Mbalundu de 1820 a 1842. Nesta perspectiva, as candidaturas ao reinado de Mbalundu, hoje município do Bailundo, tinham recaído sobre duas personagens adstritas à UNITA, nomeadamente, Alice Ngueve Simões e Jeremias Lussati, a quem se decidira passar o trono com o título herdado de Utondosi II, falecido em Lunge em circunstâncias não esclarecidas, mas atribuídas ao braço armado do MPLA, por volta de 2008 com a patente desmobilizada de Capitão, deixando livre a vacatura a Augusto Katchitipololo (Ekwikwi III);

Ekwikwi IV - oficialmente conhecido por Augusto Katchitipololo, por militância partidária no MPLA, membro activo do comité de acção, ascendera inicialmente a soba, elevado a regedor junto da Administração Comunal de Luvemba, Ombala de Cikunda (lido, Tchikunda), sem relação de consanguinidade com o poder tradicional endógeno Mbalundu. Eleito deputado pelo círculo nacional da bancada do MPLA entre 2008 e 2012, chegou ao poder da autoridade tradicional endógeno Mbalundu oficialmente em 1996, dois anos antes da morte de Ekwikwi III (Manuel da Costa), como resultado da disputa deste lugar entre os dois partidos (cfr Pereira, 2015) até aqui referenciados.

Ekwikwi V - baptizado oficialmente com o nome de Armindo Francisco Kalupeteka, sabe-se ter sido consanguíneo dos seus antecessores, enquanto bisneto de Ekwikwi III e neto de Ekwikwi IV. Foi entronizado a 12 de Abril de 2012, depois do falecimento de Ekwikwi IV no momento actual. Docente de profissão formado em Direito, comerciante em tempos livres e alinhado ao partido MPLA, é o soberano mais novo que a história do Bailundo tem conhecido e com educação cristã tendo sido secretário da Igreja Fé Apostólica.



Mapa temático da guerra colonial no Bailundo

Crise da realeza mbalundu

Como se pode perceber, a tentativa da reabilitação do poder tradicional do Mbalundu foi recheada de episódios político-partidários resultantes da luta pelo poder entre o MPLA e a UNITA, tão logo que Angola se tornou um Estado soberano no conjunto de países africanos. Difícil é perceber as reais motivações que incidiram apenas sobre a realidade histórica do Bailundo, mas se tivermos em consideração os aspectos que tornaram a realidade planáltica, no geral, e o Bailundo particularmente, uma referência no conjunto das dinâmicas pré-coloniais de Angola, torna-se razoável encontrar as verdadeiras razões porque os protagonistas da luta pelo poder de Angola independente estavam convencidos que o Bailundo exercia sobre o planalto uma influência eleitoral favorável, recordando dos aspectos porque,

- i) no computo geral, os ovimbundu computam 37% da população angolana;
- ii) tal como Ekwikwi V, líderes políticos no seio destes dois partidos, há os que acreditam que os 37% dos ovimbundu constituem unidade sociopolítica sob guarda da bandeira o Rei do Mbalundu.

Na tentativa de se encontrar fiéis depositários de confiança político-partidária, foram introduzidas personagens alheias, a exemplo de títulos como Ekwikwi III, Ekwikwi IV e Ekwikwi V, por haver necessidade de se controlar o poder da autoridade tradicional endógena Mbalundu. Assim, confeccionaram-se fábulas por ter havido Ekwikwi II com referências inabaláveis no contexto da história, particularmente da resistência à ocupação de Angola e no que respeita ao desenvolvimento do Estado endógeno e re-

ferência planáltica, sobretudo um pouco depois da conferência internacional sobre a bacia do Khongo de 1884 a 1885, ocorrida em Berlim.

Personagens alheias, sim, por não ter havido afinidades nem intimidades esclarecidas relativamente ao parentesco indutivo aos cargos em disputa. Deliberadamente violaram-se os preceituados etno-históricos, com os sujeitos rompeu-se a tradição de akokoto e passaram a meros agentes ao serviço dos interesses político-partidários, conduzindo a autoridade real tradicional endógena ao descrédito comunitário como é hoje. É isto que no Bailundo se chama “crise da realeza Mbalundu”.

Em situação normal, Manuel da Costa, caso tivesse acesso ao fogo perpétuo, tê-lo-ia levado consigo, não importa onde quisesse ficar para dar-lhe vitalidade do vínculo com a Ombala de Mbalundu. Não tendo acontecido por direito, o fogo ficou resgatado por Augusto Katchitipololo que pela mesma razão não podia tê-lo sob seu controlo tendo-o abandonado para o Huambo.

Com esta crise, Ekwikwi V, mais instruído na perspectiva ocidental que os antecessores, o que lhe tem permitido ser mais ambicioso, não tem sido capaz de contornar com mestria a luta pelos interesses promocionais pessoais relativamente aos tradicionais comunitários que descrevem o título que tem portado. Alias, colocou de parte a possibilidade de salvaguardar as relações de parentesco, que a lenda político-partidária lhe outorgou, de ser bisneto de Ekwikwi III e neto de Ekwikwi IV, com os quais também não tem afinidades. O paradoxo reside no facto de que Ekwikwi III e Ekwikwi IV, sendo contemporâneos na-

turalmente não poderiam ser bisavô e avô de Ekwikwi V, senão por adopção cuja figura inexistente no contexto do sistema de parentesco umbundu, a acontecer, impediria a sucessão política desta ordem.

Provaram as desavenças entre Ekwikwi V e os herdeiros de Ekwikwi IV, que escapando de Elombe da Ombala passaram ao consumo público da província do Huambo e do resto de Angola, ao ponto de exigirem a intervenção do Governador Kundi Paihama que, na sua intervenção pública sobre o assunto, dizia que “são tristes as informações que temos recebido sobre o actual funcionamento do reino do Bailundo, pois descaracterizam a boa imagem conquistada pelos soberanos que passaram por esta Ombala, como o rei Ekwikwi IV. E eu, nas vestes de governador, quero ordem, paz, respeito e trabalho para o desenvolvimento desta região” (Jornal de Angola, 14.03.15).

Desde 2012 que Armindo Francisco Kalupeteka (Rei Ekwikwi V) é alvo de acusações de oportunismo por parte dos consanguíneos de Augusto Katchitipololo (Ekwikwi III e IV) ser pôr em causa o trono.

Ekwikwi III, Ekwikwi IV e Ekwikwi V constituem o universo de Reis do Bailundo, no caso, diferente de Mbalundu, herdeiros dos reinados Mbalundu sem território e com povo indefinido, por carecerem de autoridade para atear e distribuir o fogo perpétuo às famílias que não lhes reconhecem porque o poder da autoridade tradicional endógeno umbundu começa e termina com o fogo. Assim, a título correcional, aos 14 dias do mês de Abril de 2012, o Vice-Presidente da República de Angola, Fernando Dias dos Santos, testemunhou o atear do fogo por um Soma com o título invulgar de Soma Ndalú (o mesmo que Soba do fogo) para a entronização de Ekwikwi V ao mesmo tempo que se elevava a membro do Comité Central e

deputado da bancada do MPLA.

Ainda que entronizados no âmbito do direito consuetudinário, sob patrocínio aberto do Comité Central do MPLA, que para festejos descarregou inúmeras oferendas no final da cerimónia, Ekwikwi V e os seus mais próximos antecessores não se muniram do poder teocrático que os partidos políticos em questão não disponibilizam. Omitiram o porte das vestimentas cerimoniais que lhes dariam a imagem de agentes da autoridade tradicional, substituindo-as por uniformes de identidade exógena de origem ocidental.

Não passaram despercebidas as cinco mudas de luxo ocidental exibidas pelo Rei Ekwikwi V, em cinco dias de estadia em Luanda, no III Encontro Nacional sobre Autoridades Tradicionais Angolanas tendo-se colocado em posição distintiva no cômputo do ambiente geral da conferência. Pelas ilustrações visualizadas nos portes foi possível entender que as encomendas foram, de veras, de seu mando, quando, com total ironia, se colocava na liderança da lide sobre o melhoramento de subsídios e regresso aos uniformes etno-tradicionais.

Pelo indumento caracterizava-se órfão do direito consuetudinário por não ter oportunidade de saber que na tradição bantu não há espaço para o uso de túnicas à semelhança da tradição hebraica ou árabo-muçulmana. Tanto os olosekulu, quanto as autoridades do direito positivo de que é servente, não se indignaram em não emprestar-lhe algum conhecimento que, para os sucessores da autoridade tradicional, se adquire durante ingresso no ekwenje, como pressuposto primário para se tornar verdadeiro ukwaci-soko e ukwelombe.

Da pior hipótese, acreditar-se-ia na possibilidade de vincular-se à modernidade partindo da arquitectura chinesa que o governo oferecera para a obra de Elombe real do reino do Bailundo. O paradoxo consiste no princípio de como a modernidade seja consequência da tradição. A túnica de tipo árabo-muçulmana em referência exemplificada é secular, reflectindo a modernidade de uma realidade tradicional, muito diferente da adopção que o Rei Ekwikwi V tem estado a fazer, tanto nas vestimentas como na arquitectura palaciana. E mais, o porte externo de uma pessoa humana reflecte a sua mentalidade.

Não têm configurado as estruturas físicas no âmbito da realeza Mbalundu (Feijó, s/d), além da floresta de ovilemba que mantêm conservadas por se tratar de plantas com reconhecida longevidade e indicativas do poder umbundu. Graças a esta envergadura têm sobrevivido. Ambos os Reis foram e continuam reverentes à Administração local do Estado que os assalaria na relação de dono do território onde residem e do povo com o qual trabalham.

Em suma, os Reis do Bailundo, depois da independência de Angola em 1975, prestam preito aos Administra-

dores municipais desde André Ulamba, sendo primeiro Comissário Municipal, representando os interesses do MPLA em 1976, a Irineu C. Sacala, actual Administrador municipal na mesma perspectiva.

A reverência e o preito que devem aos titulares do poder da Administração local do Estado, justificam-se pelo facto de se tratar de uma entidade gestora das dinâmicas territoriais distribuídas entre comunas, regedorias, sobados (Coelho, 2010^a:347), embalas (sic), espaços socio-geográficos que no período pré-colonial pertenceram ao papel dos Olosoma y'Olosoma, Olosoma Vinene, Olosoma, "apata".

A FIGURA DO SABADO

Relativamente à figura de «sobado» introduzida no ordenamento administrativo, corresponde à Ombala no planalto de Angola e Coelho (Íd.:Ibid.) considera-a em nota de rodapé como



“termo híbrido que na língua portuguesa tem sido utilizado para designar a terra ou lugar e localidade, que geralmente é dirigida por um chefe político cuja designação é sóbà (plural: jísòbà) e a territorialidade. Correctamente, a noção de territorialidade é dada em kimbùndú pelo termo úsòbà”.

Desde a proclamação da independência de Angola que os Reis do Bailundo, como os demais, se reduzem a meros símbolos e objectos de propaganda da hegemonia partidária para o controlo de influências sobre os planálticos. Localizam-se na área de jurisdição de um Administrador comunal, por isso, seu superior mas sem relação de hierarquia estando assim introduzido de forma solta, por uma questão de tentativa de manutenção de respeito aos valores culturais.

Não possuem i) povo que define o reinado (cfr., Isaacman, & Vansina, 1987) por haver na região gente que não ii) alinha necessariamente com o MPLA (Neto, 2001), gente de outras origens étnicas que iii) não alinha com os preceituados necessariamente

ovimbundu (Kajibanga, s/d). E mais, o território designado actualmente por Bailundo é um município como qualquer na administração territorial de Angola, diferente de Mbalundu dos Reis (Sanjukila, 1997), diluído na República de Angola em consequência do processo da colonização (cfr Nascimento, 1910 & 1912) e por inércia da herança das fronteiras depois da proclamação da independência em 1975.

Por lapso ou não, a constituição da República de Angola faz referências aos Sobas nos espaços e nas dinâmicas de que sempre foram actores e não necessariamente dos Reis enclausurados em mordomias e cerimónias decorativas. Ao prestar contas à Administração local do Estado do qual é membro, em todos os grupos etno-linguísticos de qualquer parte de Angola, o Soba tem povo e território (Pacheco, s/d. & 1997) com algumas atribuições legíveis na legislação angolana (Feijó,

acionado a cerca de 35 súbditos portadores de uniformes de Soba, dando a entender que há uma Ombala com Elombe funcional, mas destes apenas oito são cadastrados pela Administração local do Estado. Sobre o assunto, lamentara Ekwikwi V que “precisaria de mais gente para trabalhar comigo, mas têm que ir às lavras porque não têm salários”. Procura impor-se com discursos e visitas no seio de um vasto e heterogéneo povo que não imagina como dar-lhe importância, sendo menos importante que um Soba de bairro. É aparentemente respeitado pelas autoridades de direito positivo, visitado por turistas e pesquisadores, convidado a cerimónias de abertura e encerramento de eventos sócio-políticos, enquanto os vakwelombe desamparados se desmotivam e se afastam, por haver necessidade de lutarem pela sobrevivência individualmente.

Na prática, nada funciona por faltar-lhe o essencial que, entre os atributos característicos da autoridade tradicional endógena, tal como Ekwikwi III e Ekwikwi IV, não pode ter:

- poder militar;
- poder teocrático;
- diplomacia e relações internacionais;
- estabelecimento do sistema de vassalagem;
- controlo de impostos;
- gestão de terras.

Sendo meramente simbólico (cfr., Isaacman, & Vansina, 1987), a figura do Rei hodierno está desprovida dos poderes políticos, económicos, sociais, jurídicos, culturais, religiosos, administrativos, isto é, sem fogo nem enquadramento algum.

Algumas práticas tradicionais endógenas, com alguma responsabilidade legível no ordenamento jurídico oficial para os Sobas e Regedores, exceptuando os Reis, existem mas sem força para se imporem à realidade quotidiana:

-] arbitragem da justiça-negociante;
-] resolução de conflitos entre famílias;
-] cedência de terras de menor escala;

Por mais que haja vontade de reabilitar as estruturas reais pré-coloniais, um Rei do planalto de Angola não pode por lhe desproverem os instrumentos mais importantes do poder tradicional endógeno.

Apesar de se considerarem discriminatório o sistema de salários aos Sobas para efeitos nomeados pela Administração local do Estado, detêm os subsídios necessários para a coabitação do Rei, ficando assim um poder sombra de veículo do Rei e dos Sobas seleccionados junto das comunidades. Torna pesada esta relação por estar envolvida em chantagens perante:

- a) a Administração local do Estado, o Rei precisa dos favores para sobreviver;
- b) os mais-velhos (olosekulu), o Rei precisa de subsídios políticos para convencer que detém a autoridade comunitária.

Qualquer uma das partes retira-lhe o tapete dos pés sempre que quiser, deixando-o sem chão para se manter.

s/d), embora na grande parte dos casos seja também de mero simbolismo (Gonçalves, 1984).

Ekwikwi IV acomodou-se no seu papel de simbolismo, limitando-se às exigências e orientações do partido, ao contrário de Ekwikwi V, sendo interventivo, ainda jovem formando-se em Direito, tem-se desesperado (Pereira, s/d) por ser portador de um título em que muito acredita sem ponderar a análise histórica face ao contexto (Feijó, s/d) político-administrativo actual (Neto, 2001). Sendo Rei com todas as mordomias da conjuntura marxista-leninista, beneficiário de viaturas características dos membros do poder angolano com respectivos motoristas e guardas das unidades policiais protocolares, meios de comunicação, ordenados em dia com cabazes anuais de primeira classe, palácio construído em arquitectura chinesa a custo zero com o respectivo mobiliário, não tem como pensar o contrário de não ser Rei dos ovimbundu geograficamente delimitados por ele.

Engrandece-se com tudo isto adi-

Poder híbrido

Bem, o poder mantido pelo Ekwikwi V revela-se, em parte, híbrido pois, independentemente das suas peculiares características, o Estado do Mbalundu torna-se à parte do total do presente estudo. Tratando-se de uma realidade aparentemente monárquica, como todas reveladas entre os planálticos, na perspectiva do direito germânico-romano, subentenderia um conjunto de dinastias destacando-se pelo menos seis: os Katyavala (vakatyavala), os Cingi (vacingi), Ekwikwi (vekwikwi), Numa (vanuma), Cisende (vacisende) e a dos Civukuvuku (vacivukuvuku).

Decorre que o enquadramento do conceito dinastia, como os demais relativos ao ordenamento jurídico consuetudinário não se encaixa na realidade de princípios bantu, à semelhança de todos os adstritos aos sistemas de parentesco. O processo de sucessão uterino contornava-se pelo conjunto de atributos qualitativos acumulados sobre uma figura com direito de herança por eleger com base na confiança demonstrada a partir da adolescência nos cargos de sobas territoriais ou institucionais, sem exemplos de ascensão de menores e solteiros, mas sim, sobas com educação de ekwenje e cargos monitorados desde à infância vivenciada junto do potencial antecessor. Desde já elegiam-se entre os vários irmãos, filhos da mãe progenitora do antecessor e das irmãs da progenitora do antecessor. Ainda elencavam-se os filhos das irmãs uterinas do antecessor e das irmãs, filhas das filhas da mãe progenitora do antecessor, portanto, seus verdadeiros herdeiros.

Tratava-se de um genuíno processo eleitoral regido pelos princípios da democracia indirecta de tipo bantu, cujo sufrágio consistia no acompanhamento do comportamento dos consanguíneos candidatos naturais ao título escolhido a partir do maior sistema de parentesco preexistente partindo do princípio das maiorias referenciáveis, detentoras do poder social, económico, religioso. Como se pode ter em conta, o processo era bastante moroso e eficaz. Foi visto em capítulos antecedentes que uma comunidade consanguínea umbundu pode atingir 1500 membros de todas idades e sexos distribuídos em 214 fogos todos potenciais candidatos.

Mesmo sem referências de realce histórico, a dinastia dos “vacisende” foi a que mais presença fez na liderança do Estado Mbalundu. Porém, foi Mutu ya Kevela que mais proezas sócio-militares deixou na História de Angola com extensão africana, em menos de um ano no poder, sem adopções, nem sucessores ou herdeiros. Por seu turno, a dos “vekuikwi” terá servido de inspiração político-partidária por independência, capacidade de negociação e persuasão. Entretanto, enquanto dinastia, o título de Ekwikwi II distanciou-se ao de Ekwikwi I por 22 lugares de dinastias diferentes.

Ekwikwi I que sucedera de linha-



II
O Estado Mbalundu continuava com dois Reis divididos pela militância partidária, sendo o primeiro da UNITA e o segundo do MPLA.

II
 gens anónimas, foi também sucedido por um anónimo. Por sua vez, Ekwikwi II terá ascendido de Ekongo Ly’Ohombo. Ekwikwi III (Manuel da Costa), de sucessão por aclarar, foi titular do trono desde 1977, sem história tratando-se do período de turbulências responsabilizadas a David Sapata. Apenas sabe-se da prisão que terá sido alvo da UNITA durante 12 anos tendo falecido seis anos depois no Bailundo.

Ekwikwi IV, antes Ekwikwi III, apareceu no contexto em consequência do desaparecimento do Ekwikwi III (Manuel da Costa) tendo sido ao mesmo tempo seu sucessor, ainda em vida e no âmbito das suas funções. O paradoxo reside no facto de ter havido no Estado do Mbalundu dois Reis com o mesmo título de Ekwikwi III na mes-

ma legislatura. Falecendo em 1998 o primeiro Ekwikwi III, sucedeu-lhe o Rei Utondosi II partilhando o espaço e o povo Mbalundu com o segundo Ekwikwi III em vida. O Estado Mbalundu continuava com dois Reis divididos pela militância partidária, sendo o primeiro da UNITA e o segundo do MPLA. Oficialmente, Ekwikwi IV ascendera a este título em 1996, dois anos antes do falecimento do Ekwikwi III da UNITA, substituído por Utondosi II em 2008 no mesmo ano que Ekwikwi III do MPLA passou a Ekwikwi IV pressupondo que em 2008 o Bailundo conheceu a ascensão de dois reis para a mesma realidade sócio-histórica.

Para que seja melhor percebido, sintetizemos assim:

Apesar de se tratar de disputas antigas, desde ao tempo da luta contra o colonialismo que os Sobas eram presas fáceis do sistema colonial e dos movimentos de libertação, a partir de 1992, desencadearam-se tentativas de encaixe de militantes de partidos políticos ao poder tradicional endógena. O perfil de escolha dos sujeitos à liderança da realeza endógena representando as ideologias partidárias de que militavam, não era muito exigente, bastando a fidelidade e total servência para ser beneficiário da confiança do representante da Administração Local do Estado. Procurava-se explorar a relação entre as autoridades tradicionais e o eleitorado sendo intrinsecamente substantiva como também legitimadora.

Nº	ANOS	TÍTULO	NOME DE REGISTO	COMENTÁRIOS
1	1977	Ekwikwi III	Manuel da Costa	Sem grande expressão do título, de aparição desconhecida, reclamado pelo MPLA.
2	1980			Escapava da pressão do MPLA, mas fontes escritas referem-se ao rapto da UNITA.
3	1980	Ekwikwi III	António Katchitiopololo	Reclamado pelo MPLA, substituía Manuel da Costa fugitivo ou raptado.
4	1992	Ekwikwi III	Manuel da Costa	Reassentado, continua ao serviço da UNITA paralelamente a Ekwikwi III, António Katchitiopololo do MPLA refugiado no Huambo.
5	1996	Ekwikwi IV	António Katchitiopololo	MPLA formalizava o seu Reinado no Mbalundu.
6	1998	Ekwikwi III	Manuel da Costa	Falecia o Rei do Mbalundu ao serviço da UNITA.
7	1998	Utondosi II	Jeremias Lussati	UNITA formalizava a substituição do Rei falecido
8	1998	Ekwikwi IV	António Katchitiopololo	Eleito deputado pela bancada do MPLA
9	2010	Ekwikwi II	n/c	Homenageado pelo governo angolano com a estátua no centro da cidade do Bailundo.
10	2012	Ekwikwi IV	António Katchitiopololo	Falecia o Rei, enquanto deputado do MPLA
11	2012	Ekwikwi V	Armindo Francisco Kalupeteka	Entronado o actual Rei do Mbalundu, membro do Comité Central do MPLA.

Herança e sucessão

O problema entre quem sucede a legitimidade e quem herda a legitimidade não encontrou solução até aos nossos dias. Entre os ovimbundu a sucessão era de responsabilidade do onjango y'Elombe e a herança era da matri linhagem. Sendo as duas uma e mesma coisa; - "legitimidade do onjango y'Elombe", a diferença consistia na existência de filhos uterinos, «os nossos "omalã vetu"» e filhos de casa sendo «os meus "omalã vange"». Na perspectiva eleitoral os partidos políticos escolheram «os nossos» ficando «os meus» filhos em desamparo. Diz o provérbio local traduzido em língua portuguesa que, «o que esquece na lavoura, perseguir-te-á até a casa». Das consequências resultaram três encontros nacionais em Luanda sobre autoridade tradicional angolana; 2002, 2008 e 2019, sem saídas aparentes.

A retraditionalização das autoridades tradicionais endógenas data desde o início da colonização de Angola, a partir de 1926, ao surgimento da figura de Regedores, tendo aumentado de intensidade com a independência de Angola em 1975. Que fossem elas a inventar o Estado angolano sendo autoridades do poder pré-colonial e, aquele pós-colonial, não o contrário. O que aconteceu, no caso do Mbalundu, foi a celebração de um conjunto de actos de sucessão de cargos políticos e não de herança de cargos do poder tradicional. Em sua própria defesa, os sobas, não poucos, decidiram formar-se em Direito querendo ser juristas, mas resvalam porque tal curso ministrado desenquadra-se da realidade bantu, com todas as fraquezas características da Universidade angolana.

Há problemas de interpretação do poder das autoridades tradicionais endógenas no Estado da República de Angola desde quando foi fundado em 1975, por se considerar remanescente do pouco civilizado do sistema colonial. O conceito "tradição", autoridade "tradicional", tal como tem sido no contexto em que tem se abordado, permite emersão das mais variadas ambiguidades, que tudo que se queira tenha nela lugar. Nesta senda, todo o esforço de reconhecimento deste poder tem-se tornado erro pois seriam as autoridades tradicionais endógenas a reconhecer o Estado angolano fazendo o devido enquadramento e não o contrário, por terem existido antes e continuam. São pré-coloniais, cujo conceito, visto no contexto em que se aplica, caracteriza o porte dos vestígios do acervo secular quer seja histórico e sociológico, quer seja político e antropológico.

É inquestionável a modernização do poder político endógeno, sem atropelar a transversalidade de alguns pressupostos: o ekwenje, sendo a escola que garante a sucessão diferenciando-a da herança política, desapareceu e o seu retorno é impossível. O planalto central é por excelência cristão, mas os conteúdos desta escola relativos à etno-cidadania têm enquadramento na educação formal, bastando reformas ponderadas e contextualizáveis.



Mercado no antigo Reino do Mbalundu

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

COELHO, Virgílio (2010). "Em Busca de Kábàsà!... Estudos e reflexões sobre o «Reino» do Ndòngò. Contribuição para a História de Angola". Kilombelombe. Luanda.
 (2010a). "Os Túmúndòngò, os «génios» da natureza e o Kílambà". Estudos sobre a sociedade e a cultura kimbúndù. Kilombelombe. Luanda.
 CUEHELA, Ambrósio (1996). "Autoridades Tradicionais em Moçambique". Brochuras n.º 1, 3, 4, e 5, Maputo.
 FEIJÓ, Carlos (S/d). "Urge a descentralização do poder em Angola". Entrevista de Albino Carlos, Angolé.
 (2000). "O Poder Local em Angola". (comunicação da palestra proferida no âmbito do projecto denominado "Intervenção da Sociedade Civil no Processo Constitucional" da Ordem dos Advogados Angolanos em cooperação com o IDI). Luanda.
 GONÇALVES, António Custódio (2001). "Rituais tradicionais de solidariedade: Religião e tensões entre finitude e infinitude", Luís A. O. Ramos et al. (org.) Estudos em homenagem a João Francisco Marques, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. II, pp. 9-17 [Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ ficheiros/2815.pdf>
 (1984). "Simbolização do pro-

cesso político e dinamismo socio-cultural numa sociedade tradicional: abordagem histórica e sistémica", *Análise Social*, vol. XX, n.º 84, pp. 663-683
 ISAACMAN, A. & VANSINA, J. (1987). "Resistência e Iniciativas Africanas em África Central, 1880 - 1914". In UNESCO. História Geral de África. Vol. VII. Cap. 8. Madrid.
 KAJIBANGA, Victor (s/d). "Culturas Étnicas e Cultura Nacional (Uma reflexão sociológica sobre o caso angolano)". Texto provisório. Comunicação.
 MALUMBU, M. (2005). "Os Ovimbundu de Angola: Tradição - economia e cultura organizativa". Edizioni Vivere In. Roma.
 MILHEIRO, Mário (1972). "Índice Histórico-Corográfico de Angola". I.I.C.A, Luanda.
 NASCIMENTO, PEREIRA J. e MATTOS A. Alexandre (1912b). "A colonização de Angola". Tipografia Mendonça. Lisboa.
 NETO, Maria da Conceição (S/d). "As Fronteiras por dentro da Nação..." (numa perspectiva Histórica). Comunicação.
 (2003). "International symposium Angola on the move". Transport Routes, Communication and History, Berlim, 24 - 26 September.
 (2003). "Nas malhas da rede: o impacto económico e social do transporte rodoviário na região do Huambo c.1920-c.1960". Comunicação.
 (2002). Comunicação. Fórum Constitucional - Huambo. (20-22

de Março). NDI/FES/ADRA.
 (2001). "Autoridades Tradicionais e Democracia". Artigo, *Pensamentos - suplemento mensal de análise, investigação e reflexão*. Semanário AGORApp. I -II, 27/10. Luanda.
 (2000). "Angola no séc. XX (até 1974). Comunicação. Luanda.
 (2000). "Grandes projectos e tristes realidades. Aspectos da colonização do planalto central angolano (c.1900-c.1931)", in *África e a Instalação do Sistema Colonial (c.1885-c.1930)*, IICT, , pp. 513-525. Lisboa.
 (1989). "Kilombo, Quilombos, Ocilombo..." Mensagem. Revista Angolana de Cultura. N.º 4, pp.5-19. Luanda.
 PACHECO, F. (S/d). "Estudos das comunidades rurais no Huambo" (Comunidade de Citwe) - Poderes, relações e instituições.
 (S/d). "Estudos das comunidades rurais no Huambo" (Continuidade Pedreira e Apúli três), Poderes, relações sociais e instituições.
 (1997) "Estudos das comunidades rurais no Huambo", Conclusões. Poder "tradicional" ou poder local? PÉLISSIER, René
 (1997). "História das Campanhas de Angola. Resistência e Revoltas 1845 - 1941". Histórias de Portugal. Editorial Estampa.
 SANJUKILA, Elias (1997). "Reino do Bailundo, Sua História na Resistência Tenaz Contra o Colonialismo Português". Ed. autor. Huambo.



Três poemas de Mutambi Wa Cimene

Além dos sentidos

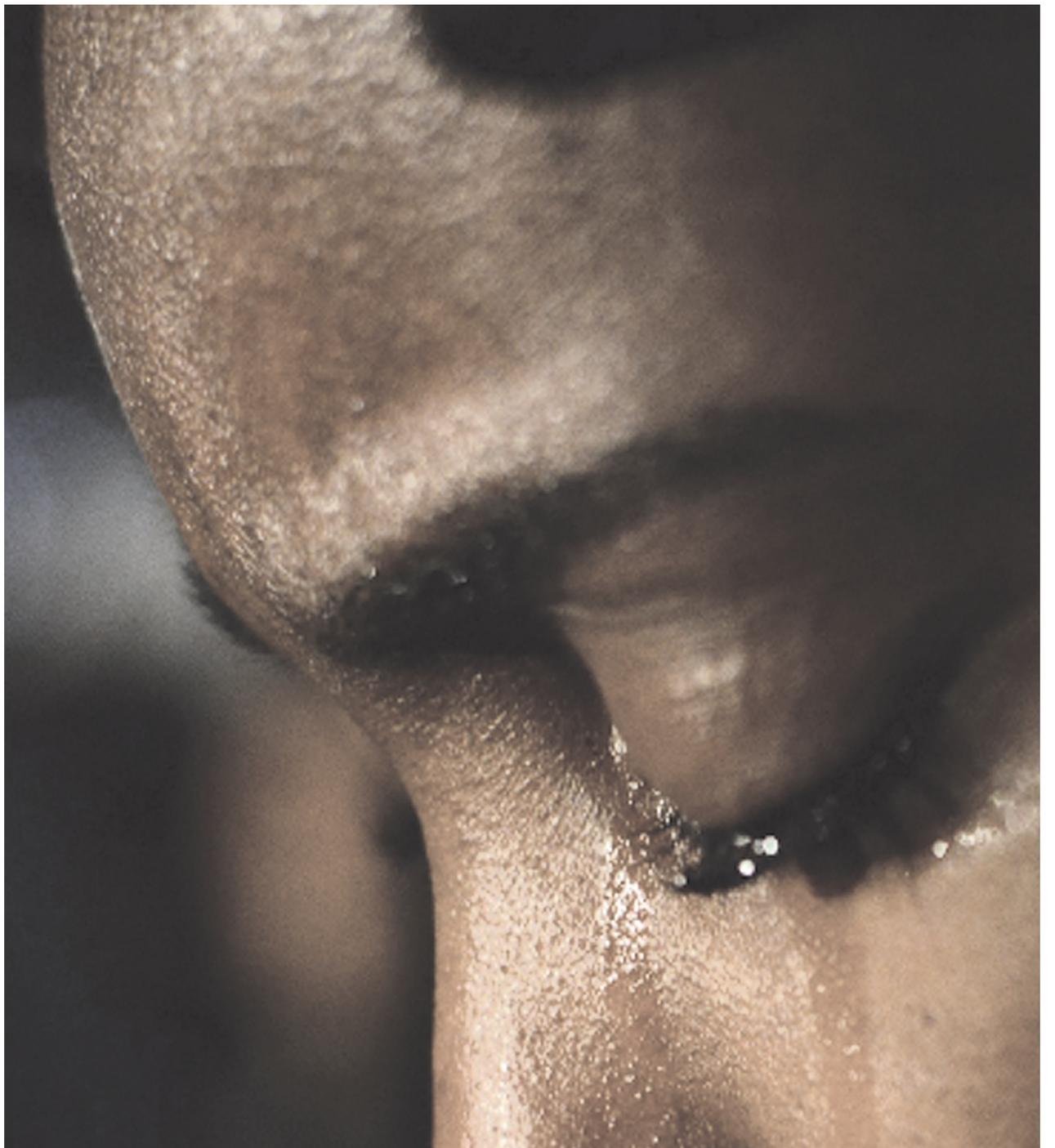
*Vai além dos sentidos
aquele verso entre as sílabas esculpido
Vai além dos sentidos, o vento trémulo e fugidio
o tempo no eixo dos sentidos*

*Do seco riacho efémera luz transborda
Transcorre o nó dos sentidos, em cada ápice o sentido
O tempo, o verso e luz em cada tom gemido
De tudo em tudo faz sentido
Tudo é em prol dos sentidos!*

*Vai além dos sentidos
Se dos verdes versos anelarmos os sentidos
Se tudo transcorrer em luz, tudo sem luz
Se quando o verso transcende o tempo
Inda que não ousamos sentir, há no tempo luz a fluir
De tudo em tudo faz sentido,
Tudo é em prol dos sentidos*

*A vida, a morte, o dia e a noite
de tudo em tudo faz sentido
Tudo é em prol dos sentidos
A lágrima e o que nela se faz
A dor e o que nela apraz, de tudo em tudo faz sentido
Tudo é em prol dos sentidos
Em tudo há sentido, quando além dos sentidos!*

Luanda, 10.02.2017



Negra Nascente

*No eito da nascente segue a torrente
O canto dos heróis no funeral da pátria
Liberdade, sangue, querela ante o poente
A nostalgia no confabular do povo, um canto novo*

*Oh! Canta Áfrika nesta ribalta, dos homens a terra
mátria
Sob a alma do imbondeiro a tradição de nossa gente
Nas chamas da lareira nossa história, nossa canção
-eno eito da nascente segue a torrente!*

*O canto dos heróis do além transborda
Tedioso mas esmero revolucionando a corda
Atentos no ondjangos interpretam os velhos as
sílabas da canção:
um alerta, uma mensagem ante a miséria no
rosto da nação mas lá telúrico negro canto res-
soa: fugaz e fúnebre do além ecoa*

*Altivoz os velhos cantos à liberdade com esmero
entoam
Na fumagem da lareira, assistem os homens o
hastear da bandeira- e no eito da nascente se-
gue a torrente!*

Luanda, 11.02.2016

Na gravidez utópica deste rol

Na gravidez utópica deste rol
eis que entre lareiras detêmos o farol
Do ritmo ao verso o som excelso
O rungir do canto além correndo
O orvalho entre a ramagem, uma mensagem
Canta o negro ngoma um canto expesso
Na flauta melancólica deste farol,
- um sopro azul, um sol do sul

No rumo assobiador das carapinhas
eis que tudo dámos, tudo dançamos
- a dança na ideologia do velho ngoma
Telúrica e içada na matinada da calçada
Ardendo em chama, entre laridos e azafamas
E na flauta melancólica deste farol,
- um sopro azul, um sol do sul

E tudo se desenha nesta resenha
No ventre da noite escura, a exsutura, a tessitura
Sangra o pincel na tela esta querela
- no crepitar da virgem a briga entre os homens
Pisados, explorados nesta fumagem
- e tudo damos, tudo dançamos
Na flauta melancólica deste rol,
- um sopro azul, um sol do sul!

Huambo, 24.01.2016



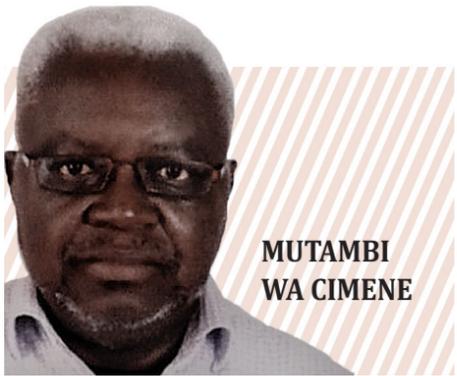
MUTAMBI WA CIMENE é pseudónimo literário de Elias R.B. Chipalavela, expressão de Faria Roberto Chipalavela e de Aida Nacumba Solunga Bia, natural, Mavinga, Província do Kuando-Kubango, nascido aos 08 de Novembro de 1992.

É formado em Direito, especialidade Jurídico-Económica, pela Universidade Católica de Angola, é professor e investigador, membro co-fundador do Grupo de Busca e Difusão do Saber- GBDS do qual foi o primeiro Coordenador Nacional no período entre 2012-2016, sendo actualmente coordenador provincial do mesmo em Luanda. Principais áreas de investigação: Direito, Literatura, Educação e Cultura. É poeta e declamador, tem poemas publicados no Jornal Cultura.

Percurso Artístico

2009 - Fez parte do elenco teatral Morro do Moco; foi membro da Brigada Jovem de Literatura no Huambo no período entre 2010-2013; 2011 - participou do 1º Curso de Formação Artística em Gozo de Férias no ramo Literário; 2012 - foi formador de Literatura na 2ª Edição do Curso de Formação Artística em Gozo de Férias (actividade que tem levado à cabo até então). 2013 - fez parte do corpo de jurado do 1º Festival do Concurso de Cultura e Artes das FAA realizado no Huambo.

Línguas futuras (3)



MUTAMBI
WA CIMENE

Se há algo no quimbundo que nos chama mais a atenção, ele se manifesta numa harmonização que se assenta naquilo que ousamos denominar como sendo a CONSONANTIZAÇÃO. Porquê? Trata-se fenómeno só existente em línguas africanas, e que lhe dá uma beleza não só original, mas também abrangente. Para não divagar exageradamente, vamos nos debruçar com alguns exemplos que nos ajudarão, estamos certos, compreender o fenómeno em causa. Todos nós temos um certo domínio dos vínculos de posse: meu livro (divulu(1)yami), minha mão (lukwaku yami), minha mandioca (kidigu yami), meus olhos (mesu yami), meu fogo (tubya yami) meus parentes (ji ndandu yami). Se verificarmos atentamente a posse (yami) não sofre o fenómeno consonantizante; porque com ele aplicado, e é aí onde denotamos a sua beleza, escrever-se-ia assim (visão extensiva): divulu dyami, lukwaku lwami, kidigu kyami, mesu mami, tubya twami, ji ndandu jami. Não é bonito? Eu

acho profundamente fenomenal! Como poderemos então definir a consonantização? Definiremos como sendo aquele fenómeno das línguas africanas que procura harmonizar (para não dizer embelezar) certa sequência de palavras, conferindo uma uniformidade fonética, evidenciada nas primeiras sílabas. Este fenómeno superabunda de tal forma nas nossas línguas que às vezes, quando procuramos, de ânimo leve, falá-las, não compreendemos os quês e nem os porquês das mesmas. Vejamos então um outro exemplo do fenómeno (visão intensiva): meu livro (divulu dyami), teu livro (divulu dyeye), livro dele (divulu dyee), livro dela (divulu dyehe), nosso livro (divulu dyetu), vossso livro (divulu dyenu), livro deles (divulu dyaa), livro delas (divulu dyaha); minha mão (lukwaku lwami), tua mão (lukweku lweye), mão dele (lukwaku lwee) mão dela (lukwaku lwehe), nossa mão (lukwaku lwetu) vossa mão (lukwaku lwenu), mão deles (lukwaku lwaa), mão delas (lukwalu lwaha); quanto aos termos 'kidigu', 'mesu', 'tubya' e 'ji ndandu' facilmente poderemos deduzir os termos de posse seguintes: kyami, kyeye, kye, kyehe, kyetu, kyenu, kyaa, kyaha; mami, meye, mee, mehe, metu, menu, maa, maha; twami, tweye, twee, twehe, twetu, twenu, twaa, twaa; jami, jeye, jee, jehe, jetu, jenu, jaa, jaha. A escolha destes termos não foi por acaso; notem que só são consonantizáveis as letras J, K, L, M e T; existem

outros tipos de consonantização, que contemplam as letras B, W e Y, numa complexidade que, com muito cuidado procuraremos explicar em outros capítulos; no entanto chamaria já atenção aos mais atentos quanto curiosos, que paulatinamente, iremos sendo formados para verdadeiros arautos da língua kindo. Como terão notado já, nos exemplos apresentados, houve a preocupação de não nos esquecermos da feminilidade, onde a letra H, que se pronuncia no quimbundo de forma aspirada, foi inclusa, para representar a mulher (MUHATU). Sem ser uma tarefa fácil, tal adoção nos tem sustentado para conseguirmos traduzir com certa propriedade os livros da Bíblia, pelo que no momento oportuno, digamos, em palestras futuras programadas para a sua devida fundamentação e defesa, nos iremos pronunciar. Para quem esteja (mesmo) interessado, poderemos enviar pelo menos um livro grátis, dos livros já terminados, a saber: Génesis, Mateus, Marcos, Lucas, João, Actos e Romanos, por email, (só um para não ter problemas com a Sociedade Bíblica), desde que digam quais os vossos emeis à direção deste jornal. Nas próximas publicações, iremos dar um cheirinho daquele acervo que conseguimos pesquisar sobre termos que nas três línguas, isto é, quicongo, quimbundo e umbundo, se identificam com igual identidade, tornando-se por conseguinte, mesmo que ainda em pequena



escala, naquilo que poderíamos chamar 'o acervo básico da língua kindu'. Termino augurando que esta pequena exposição tenha tocado um pouco dentro de nós, para que, aquela falta de interesse por línguas africanas apenas diminua, já que, paulatinamente iremos apresentando dados de interesse que dignifique a vida, os povos, a África, o mundo...

(1) Pronuncie-se dívulu.



**CARLOS
ERVEDOSA**

Luanda vê surgir, em 1896, um novo punhado de jovens intelectuais animados pelos mais elevados propósitos e entre os quais se destacariam Paixão Franco, Silvério Ferreira, Francisco Castelbranco, Vieira Lopes, Francisco Taveira, Apolinário e Domingos Van-Dúnem, Ernesto dos Santos, etc. É pela própria pena de Augusto Silvério Ferreira que tomamos conhecimento dos seus intuitos: "Todo iniciado por rapazes novos ainda sem cotação no mundo das letras e sem nome na sociedade luandense. São estes que hão-de fazer a pátria de amanhã, de quem Angola deve esperar, não a grandeza mas um nome, embora de pouca monta, nos seus registos do séc. XX. Na sábia Europa e na culta América a questão palpitante, o trabalho grandioso que este século deixa ao futuro é a emancipação da mulher e a paz geral por meio do desarmamento. Estas teorias, que breve serão realidades, não podemos nós defendê-las por enquanto. A mulher angolana é ainda analfabeta; nove partes da população ainda vende os filhos e resolve as questões domésticas por meio de armas. A superstição, mercê da falta de orientação religiosa, impera despoticamente no seu espírito; crenças erróneas, usos disparatados, tudo o que há de mais baixo no espírito humano, é ainda preocupação de alguns cavalheiros que se dizem cultos. Vive-se no estado intermediário do racional e do irracional, um pouco mais para o lado deste. Não deve, por isso, causar estranheza que nesta terra o culto feminista não tenha devotos e que o ideal sacrossanto da paz não tenha adeptos. Os poucos que trabalham pensam na instrução: este é o seu culto, o seu ideal. Uma plêiade de moços enérgicos levantou-se um dia movida pelo espectáculo desolador que se desenrolava ante si, e resolveu trabalhar pela terra que lhe dera o ser, pregando e difundindo instrução."

Todos eles tocados profundamente pelos ideais republicanos que na velha Europa iam arrastando as multidões e que em Portugal encontravam guarida e porta-voz nos seus melhores pensadores e tribunos, os temas predilectos desta geração foram a Liberdade, a Justiça, a Razão, a Instrução. Idealistas dos mais puros, batiam-se com o mesmo fogo sagrado dos homens que, de arrancada em arrancada, iam preparando o advento da República em Portugal. Silvério Ferreira pregava: "A humanidade desagrilhada pode já caminhar para o progresso sem preconceitos de raça, sem dogmas de religião; vendo a ati-

tude do espírito do homem nas arrojadas empresas do génio, e curvando-se submissa à memória dos Hugos e à personalidade dos Junqueiros. Terá um credo: o saber; sobre os altares pôr-se-á a effigie dos grandes lutadores pelo desenvolvimento intelectual; os filósofos serão mais humanos, os pensadores mais consentâneos com os princípios da bondade. Desaparecerão as tabernas e abrir-se-ão oficinas; as cadeias cederão o lugar às escolas, e por toda a parte ver-se-á um novo estandarte com um só lema: 'Ciência e Paz'. Paz na aldeia e na cidade, nos países como no mundo, e, sobretudo, paz nas consciências!..."

Pedro da Paixão Franco, exortava: "Não sejamos indignos do século das luzes em que nascemos. Que aprenda cada um à sua custa e mostre o que sabe, para que os homens das emboscadas na noite da ignorância se convençam uma vez para sempre que o rebanho de carneiros vai desaparecendo. Ou cidadãos ou capachos." Em 1902, sob a direcção de Paixão Franco, é publicado o primeiro número de "Luz e Crença", colectânea de ensaios literários de colaboradores vários e que reunia ainda contos, poesias, temas de história e economia angolenses, biografias, charadas - que pela profusão deviam constituir na época um apreciado jogo intelectual -, e ainda transcrições

A geração literária de 1896



de textos de conhecidos escritores revolucionários europeus: Victor Hugo, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Garibaldi, etc. A poesia encontrava já um maior número de adeptos a render-lhe culto. Poesia lírica como a de Jorge Rosa: Outrora, quando criança, as ilusões que conservo qual herança valiosa, guardava-as no coração de minha mãe e minh'alma voava rindo, tão vaidosa... Anos depois, pelas margens do Zaire nos palmares, sentia a brisa dolente; ansioso lhe ouvia seus tristes cantos e nas meigas relvas ficava dormente. E poesia social, como a de Lourenço do Carmo Ferreira: Reinava a harmonia; o Sol da Igualdade já de luz inundava a livre humanidade. E minh'alma sorria e sentia em meu peito o bem estar imenso do amor satisfeito. E que belo deve ser para o peito angolano ver vingar o Direito e a queda do tirano?

Em 1903, Paixão Franco edita o seu segundo e, supomos, último número de "Luz e Crença", norteado pelos mesmos princípios: "A Ordem pela Liberdade, a Liberdade pela Justiça". É nele que encontramos pela primeira vez um artigo da autoria da mulher angolana. Encobrimo-se sob o pseudónimo de Severine, uma simpática angolana expunha há sessenta anos, com notável oportunidade ainda nos dias de hoje, a missão que à mulher cabe na sociedade moderna: "A educação da mulher africana, an-

golense principalmente, ainda está muito raquítica, por isso, geralmente nunca acompanhamos os nossos irmãos no movimento social, mas cumpre a eles, aos nossos irmãos e maridos, educar-nos e depois iniciar-nos no movimento, porque se não fará esperar a hora de compreendermos todas, todas nós mulheres africanas, que é indispensável segui-los, se não para mais, pelo menos para animá-los nesse grande movimento, porque o amor de esposa, o amor de irmã pode muito."

Mas além de "Luz e Crença" existia ainda outra publicação, os "Ensaio Literários", dirigida por Francisco Castelbranco, e orientada no mesmo sentido. Servindo de cúpula a toda esta actividade literária, Augusto Silvério Ferreira organiza e funda, com a colaboração dos seus camaradas, a Associação Literária Angolense, cuja inauguração se reveste da maior solenidade, provocando o acontecimento grande sensação no meio. A Associação Literária Angolense, além de centro coordenador e impulsor da literatura local, possuindo para o efeito um jornal, A Juventude Literária, tinha como ponto fundamental do seu programa a educação do povo de Angola. Se nos lembrarmos que, concomitantemente, proliferava uma imprensa activa na qual os mais variados problemas angolanos eram expostos e debatidos com elevação e entusiasmo, e da luta política em que ardorosamente se empenhavam em defesa dos seus ideais e na conquista das suas mais caras aspirações e direitos, poderemos ficar com uma noção mais perfeita do que foi o dinamismo da sociedade luandense no dealbar deste século. Apesar da intenção do grupo que pôs em marcha o movimento de 1896, a sua contribuição para uma literatura angolana não passou, ainda desta vez, de pequenos ensaios e poemas incipientes, dispersos por jornais e revistas. O primeiro grande romance angolano, "O Segredo da Morta", pertenceria de facto a um homem dessa geração, António de Assis Jr., mas surgiria tardiamente, em 1934, quando os ecos do movimento se tinham esbatido há muito e a própria sociedade africana de que era fruto se ia esboroando. "O Segredo da Morta" dá-nos com a maior fidelidade o retrato dessa sociedade que em Luanda e nas zonas comerciais de que era testa, povoações servidas pelo curso do Quanza, como Bom-Jesus, Muxima, Dondo, etc., foi um esboço de lusotropicalismo em terras de Angola.

(Carlos Ervedosa, A Literatura Angolana (resenha histórica) 1963 Edição da Casa dos Estudantes do Império, Lisboa)

This is a cycle, father

LUAMBA MUIंगा

“Portanto, só os ciclos eram eternos”, assim começa um dos célebres romances da literatura angolana, Geração da Utopia, onde Pepetela, o autor, narra os empenhos de uma geração de construir uma realidade social e política pós-colonial. Não sendo diferente, a exposição individual do artista angolano Maiomona Vua retorna aos eternos ciclos que formaram as lutas passadas e consistem as preocupações presentes.

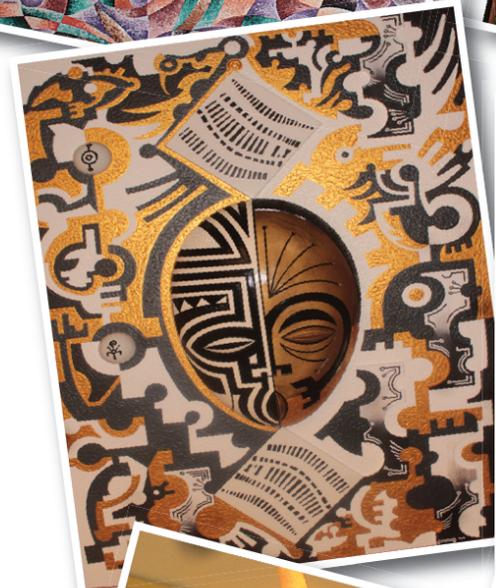
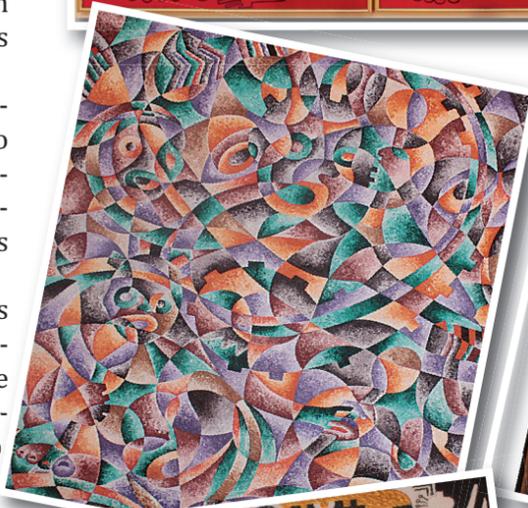
This is it, Father, apresentada no Memorial António Agostinho Neto (MAAN), em Luanda, evoca a permanência destes ciclos como um elemento natural das narrativas históricas e as complexidades da sua compreensão.

A pintura assim como os trabalhos de escultura de Maiomona Vua mantêm uma forte preocupação técnica e a captação de um sentido estético devidamente articulado. O equilíbrio entre o processo de criação e o acabamento das obras gera a ilusão de que elas teriam passado por algum processo industrial. E, para anular essa possível conclusão sobre as pinturas e as esculturas, está um vídeo de bastidores à entrada do espaço.

A exposição e cada obra de forma única é perentória ao deixar a impressão de que estamos diante alguma coisa obstinadamente presente, embora o artista os deixasse representativo através de uma combinação de técnicas interessantes – nos vários casos onde faz uso da roda dentada e de mascarás moldadas em argila aplicadas sobre a madeira, em equilíbrio com os desenhos de areia originários da tradição Cokwe tendo tudo isso na base uma pintura em acrílico.

É nesta obstinação que elas encerram as realidades retratadas dentro dos discursos cíclicos. Neste sentido, apresentam-se, por exemplo, o ciclo das crises, representado em três peças que cruzam as crises financeiras, ambientais e as morais, onde o artista mescla a obra com as resistências dessas crises quer das perspectivas políticas, geralmente aliadas ao silêncio, como as resistências na perspectiva do activismo, marcado pela necessidade do discurso constante.

Seguem-se as eternas preocupações quotidianas, que são igualmente expressivas através dos títulos – por exemplo Venderei panelas para cuidar do meu filho ou ainda Negra de carapinha dura e o moderno. E a isto observa-se que, por algum descuido ou intenção curatorial, a peça Os pecados de Adão e Eva, figuras que na tradição cristã teriam começado os ciclos, está situada no final do espaço expositivo, o que é interessante por marcar tanto o fim como o princípio, sobretudo por haver ali uma outra entrada (geralmente fechada) para a galeria do MAAN.



O próprio artista é objecto. Uma das obras mais antigas do conjunto, A dança das linhas, datada em 2001, demonstra como o artista viveu seus próprios períodos que, diferente de outros casos, parecer ter quebrado, sendo que esta é distinta do estilo actual por apresentar traços vindos de uma influência cubista.

O jogo entre o começo e o fim de um ciclo é distinguido pela inflexão das ideias. Mas os ciclos formam uma estrutura complexa de se conferir em uma observação descuidada dos seus senti-

dos. Assim como Pepetela, que confessa em uma recente entrevista, que somente passados vinte e sete anos desde a publicação de Geração da Utopia, compreendia o verdadeiro sentido da frase inicial do livro. Apoiando-se na história contemporânea africana, Pepetela percebe que “os ciclos vão avançando em espiral” e crê que pode se dar o fim, assim como foram os ciclos coloniais, os ciclos das independências africanas (que eclodiram nos anos 1960), e mais tarde os ciclos dos partidos únicos e hegemónicos, e agora a acontecer com os

ciclos dos regimes autoritários. Embora os ciclos vão avançando, manter a consciência de que eles ainda existem e reposicionar as visões é fundamental. Maiomona Vua expõe a apetência de revisão através da sua original e irresistível abordagem visual.

This is it, Father
Maiomona Vua
Memorial António Agostinho Neto – MAAN
Patente de 25 de Abril a 30 de Maio de 2019.



Porto de Luanda

BARROS
NETO

Crónica de um relógio (que parou no tempo)

Quando cheguei em Luanda, vindo do interior, tinha os meus onze anos de idade. Como então residia sob a tutela de uma tia, cujo irmão era funcionário assimilado – enfermeiro – vivia na rua Coronel Artur de Paiva (hoje rua Rei Katiavala), por trás dos escritórios da ex-SMAE/LAL, mesmo em frente do lindo edificíozinho de primeiro andar e rés-do-chão conhecido por Instituto de Assistência Social de Angola, abreviadamente IASA, cuja missão era de acudir aos mais vulneráveis.

O condomínio, na rua Coronel Artur de Paiva era simples, constituído por poucas casas de madeira maciça, sustentadas por poderosas estacas de cimento.

Como residia aí, fui utilizado como "pau para toda a colher" (lavagem da louça doméstica, recados de diversa índole, compras em várias casas comerciais – lembro-me das padarias Lima, Leão e Lafões, das lojas Sameiro, Tristão, Casa Verde, Fomentadora, e da Cooperativa do pessoal da Saúde, montada num elevado e rústico ângulo, perdido no interior do Hospital Maria Pia, da compra de miudezas para o sarrabulho – prato muito apreciado nas rotineiras horas domingueiras, pelos patrícios da época, por trás do ex-matadouro Municipal onde, com o

desaparecimento das antigas barrocas, surgiu o finado Jardim do Eixo Viário e o actual prédio do Ministério do Interior.

Foi precisamente pelas andanças constantes por esses espaços, então dominados por sucessivas barrocas (actualmente ditas ravinas), que me deparei com o majestoso edifício do Porto Comercial de Luanda, encimado por uma torre gigante, a dominar toda a vasta planície circundante, ornado de um relógio clássico que ditava, hora a hora, o compasso do tempo, orientando, com certeza, segurança e firmeza a toda a multidão de trabalhado-

res que, afluindo de vários pontos da velha Luanda, acorriam para lá, parando uns no porto, outros nos CFL - Caminhos de Ferro de Luanda, sobretudo estivadores mas também funcionários de várias instituições: despachantes, mecânicos, comerciantes, viajantes – angolanos e estrangeiros, saindo ou chegando, - ardinhas, engraxadores, as mããs das cozinhas ambulantes e muitos outros.

O relógio, da torre do edifício do Porto Comercial, era-me familiar até porque – sem medo de errar – constituía a verdadeira mascote da cidade (sem, com isso, querer menosprezar



outros relógios, nomeadamente os que, altaneiros, se erguiam das torres da antiga Igreja de S. Paulo, no B.O., do ex-Liceu Salvador Correia, dos Serviços Meteorológicos, na Cidade Alta, e o da Igreja da ex-Sé Catedral, em plena baixa de Luanda. O relógio do Porto comandava os passos dos luandenses e, talvez por essa sua responsabilidade social, nunca, em toda a minha infância, me deparei com ele parado no tempo. O tempo, porém, foi passando e hoje, na Angola livre, dos nossos sonhos, tudo mudou!

De tempos a tempos, quando passo pelo Porto de Luanda, a caminho de Cacuo ou para outros "recados" à periferia, fico triste, deprimido mesmo, porque, embora animado pelo benefício da dúvida de que, provavelmente, mais dia menos dia, o relógio possa vir a funcionar, a realidade, porém, tem sido outra já que, vendo, constantemente o mesmo remetido ao status quo ante, isto é, permanecendo inactivo e sem qualquer indício de que tal situação venha a ser alterada, cheguei à conclusão de que aquele relógio está condenado a jamais funcionar, permanecendo, portanto, ali qual ferro velho, abandonado e esquecido, a suportar o peso sufocante de gigantescos edifícios erguidos à sua volta, quais autênticas fortalezas medievais, estruturadas com toneladas e mais toneladas de betão armado, a impedirem o livre espraiar-se da suave aragem refrigeradora da pitoresca baía de Luanda. Torna-se, pois, necessário, que, quem de direito, acerte imediatamente o relógio da torre do edifício do Porto Comercial de Luanda para que os luandenses possam andar pelo Bungo, e por outros espaços da cidade, com toda a certeza, segurança e firmeza.

A propósito: ao abordar, em restritos círculos de amigos, a problemática do relógio do Porto Comercial de Luanda, sou sempre confrontado com a desesperada intervenção de um dos presentes, por mim apelidado de "intelectual frustrado", o qual, alto e bom som, acaba sempre por afirmar, categoricamente: "seria bem bom se aqui o único relógio, parado no tempo, fosse o do Porto de Luanda! A verdade é que todos os relógios há muito que andam parados e é por isso que este país funciona desvairadamente, cada qual exibindo a sua hora, em sintonia com o próprio programa!". Ao fim e ao cabo, as palavras daquele "intelectual frustrado" acabam sempre por me deixar com uma pulga atrás da orelha: será verdade ou mentira o que ele afirma, categoricamente? (Caberá eventualmente a cada um responder, em consciência).

Verdade ou mentira, neste momento – repito - o meu desejo mais profundo é o de ver o relógio da torre do edifício do Porto de Luanda – e porque não dizê-lo? – de Angola inteira, a funcionar, plenamente, para que, sob a batuta de um compasso certo, seguro e firme, Angola comece a marchar pelos tão auspiciosos caminhos do desenvolvimento e do progresso, generalizados.

Luanda, 15.08.2019



Toni Morrison, Nobel de Literatura. (GETTY)

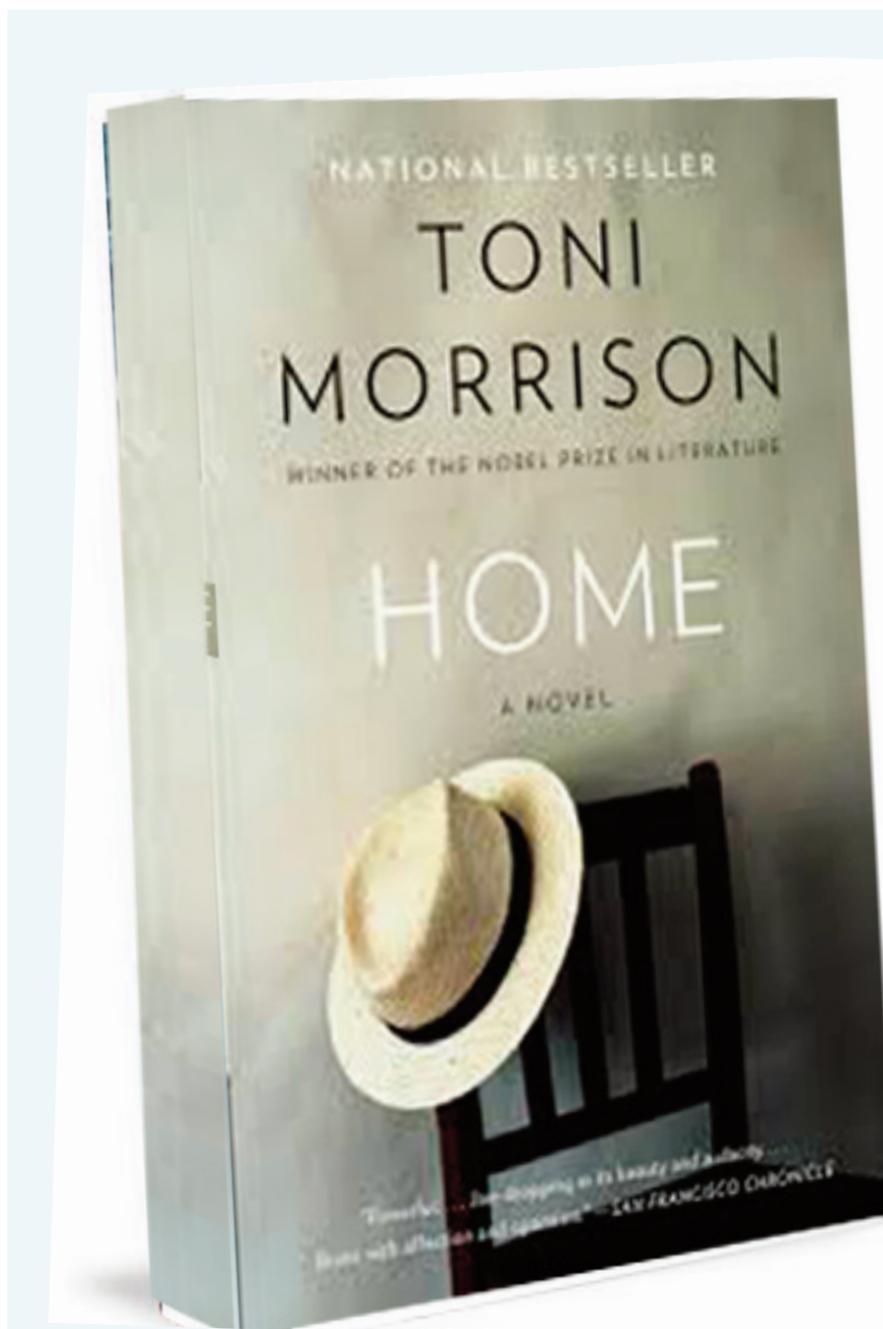
Toni Morrison força visionária e poesia

A escritora norte-americana Toni Morrison morreu no passado dia 5 de Agosto, aos 88 anos. Comprometida com a luta contra a discriminação racial, Morrison foi a primeira afro-americana a receber o Prémio Nobel da Literatura, em 1993. A academia sueca baseou sua decisão em conceder-lhe o prémio no facto de que "com sua arte narrativa impregnada de força visionária e poesia, ela oferece uma pintura viva de um aspecto essencial da realidade americana".

Desde o primeiro romance em 1970, a escritora dá voz a personagens negras, em narrativas trágicas que abordam o racismo, interiorizando a identidade afro-americana, nos Estados Unidos.

Baptizado como Chloe Anthony Wofford, nasceu numa família humilde. Filha de um operário e de uma dona de casa, ela mesma trabalhou como empregada doméstica na adolescência. Em seguida, formou-se em Filologia Inglesa e trabalhou como editora da Random House em Nova Iorque. Foi quando publicou o primeiro romance e criou o seu novo nome, recuperando o apelido que lhe davam na família e adoptando o sobrenome de seu ex-marido: Toni Morrison.

Morrison passou a marcar a história da literatura não apenas por ter sido a primeira mulher negra a receber o Prémio Nobel, mas também pelo Prémio Nacional da Crítica pelo romance *Song of Solomon* (1977), o Pulitzer



CINCO GRANDES LIVROS DE TONI MORRISON

O Olho Mais Azul (1970) Neste seu romance de estreia, Morrison parte da realidade de uma garota desafortunada para construir o retrato de uma infância truncada, além de abordar diversos aspectos, como o conceito de beleza imposta ou a voz feminina.

Sula (1973) é uma obra situada numa fictícia colina de algum local de Ohio (EUA), onde vive uma comunidade fundamentalmente negra, pobre e sem esperança, através da qual a romancista expressa uma das suas preocupações essenciais: o status das mulheres negras nos Estados Unidos, discriminadas pela sociedade e pelo Estado, abandonadas, abusadas cuja e educadas para cuidar dos filhos e em casa.

Song of Solomon (1977) é a história familiar de um empresário próspero que tentou esconder as suas origens para integrar-se na sociedade branca.

Tar Baby (1981) narra a chegada de um naufrago negro à costa de uma idílica ilha caribenha de mansões oníricas em que a vida dos milionários corre pacificamente entre servos e opulência.

Amada (1987) foi o livro mais célebre da romancista. Ambientado na Guerra da Secessão Americana, o romance é baseado na vida da escrava afro-americana Margaret Garner, que fugiu do Estado escravista de Kentucky em Janeiro de 1856 para Ohio, onde a escravidão havia sido abolida.

//

Morrison foi a primeira afro-americana a receber o Prémio Nobel da Literatura, em 1993.

//

com *Jazz* (1992) e ao tornar-se membro da Academia Americana de Artes e Letras e do National Arts Council.

Os romances de Morrison são considerados um relato da história sociopolítica dos afro-americanos e a das influências recíprocas entre eles e o resto da sociedade. "O que eu faço é remover os curativos para que a cicatriz seja vista, a realidade. Não devemos ter medo de olhar para o passado porque só assim sabemos quem somos".

Ele começou a publicar em 1970, com 39 anos. Após a estreia tardia, com *O olho mais azul*, a escritora não parou mais. O Nobel foi como uma fâsca que iluminou seu lado mais criativo, porque, desde então, Morrison não parou de explorar novas formas de escrever, de investigar os rastos da História e de dialogar com os leitores.

Cânone literário americano

Toni Morrison tem sido chamada de "a maior cronista da experiência americana que já conhecemos", mestre que escreve em "prosa luminosa e encantatória que se assemelha à de nenhum outro escritor em inglês".

Por que Morrison é considerada uma figura tão importante no mundo literário e na cultura americana? Que impacto tem o seu trabalho como escritora e editora no mundo?

Os livros de Morrison fazem parte do currículo de inglês em escolas secundárias em todo o país. Para muitos, o seu trabalho é considerado parte integrante do cânone literário americano e, particularmente, do cânone literário negro-americano. Mas, como observa o *The Washington Post*, o seu trabalho também foi desafiado, com algumas escolas e políticos procurando proibir livros como "Amada".

O crítico Wesley Morris, do *Times*, escreve sobre o que o autor significou para ele e para sua família num ensaio intitulado "Toni Morrison Me Ensi-

nou a Pensar":

Você precisa de ser capaz de ler para poder ler. Especialmente se Toni Morrison produziu a escrita. Eu pelo menos pensei que sabia o que era para os meus olhos navegarem através de uma página, através de uma descrição ou uma façanha de caracterização. Aos 11 anos, pensei em ler. Então eu li Morrison. A minha mãe me disse que eu não estava pronto. Não para Toni. Minha tia Katie pegou o meu olho de menino na sua nova e grande cópia de "Amada" e me disse: Isso é para pessoas adultas. Eu tentei mesmo assim. Então Toni parecia me dizer: Toda a leitura que você fez antes? Isso não vai contar. Você tem que me ler. Ela ia nos pôr a trabalhar, não como uma tarefa, não para nos curar, mas porque a escrita é uma arte e o leitor deveria ter um pouco de arte própria.

Tracy K. Smith escreveu na seção *Times Opinion*, do *New York Times*: "Eu não acredito que haja um escritor que entenda melhor a América e a

ame com mais ferocidade do que Toni Morrison". Ela elucida alguma das questões essenciais que o trabalho de Morrison propõe para todos nós:

A vida negra é a tela do corpo de trabalho de Morrison. Ela produz as condições e os personagens que a fascinaram como artista. Mas acredito que o assunto dela é a América, este lugar fundado em conflitos e impulsionado pela necessidade de definir um grupo contra outro. A sua obra questiona: quem somos nós? O que construímos e destruímos juntos? O que significa considerar o outro profundamente, humildemente, esperançosamente? E quais são as consequências para a nossa recusa de considerar o outro? Nos romances e ensaios de Morrison, essas questões operam nos espaços íntimos - em famílias, amizades, casamentos - que servem para determinar os termos do nosso envolvimento com o mundo em geral. E o inverso também é verdadeiro: os termos do

mundo mais amplo se infiltram inevitavelmente nas regiões mais privadas de nossas vidas.



12 de Agosto de 1990

Encontrado Sue, o maior fóssil de Tiranossauro rex já descoberto



Tyrannosaurus Rex

HISTORY.COM

No dia 12 de agosto de 1990, a paleontóloga Susan Hendrickson descobriu os restos do maior e mais temido predador de todos os tempos. Numa das suas escavações, em Faith, Dakota do Sul, nos EUA, ela encontrou três ossos gigantes que viriam a ser do maior fóssil de Tiranossauro rex já descoberto. Apelidado de Sue, em homenagem à pesquisadora, o dinossauro de 65 milhões de anos tinha 12,8 metros do focinho até à cauda, quatro metros da cabeça aos quadris e mais de 90% do esqueleto bem preservado.

O Instituto de Pesquisa Geológica Black Hills pagou US\$ 5 mil para o proprietário da terra, Maurice Williams, pelo direito de escavar o esqueleto do dinossauro, que foi levado para a sede da empresa em Hill City e que, posteriormente, seria exibido num museu sem fins lucrativos. Mas em 1992, o governo norte-americano alegou que o fóssil fora encontrado em terras federais, já que Williams tinha negociado a sua propriedade para evitar o pagamento de impostos, e teve início uma longa batalha judicial envolvendo Sue.

Em Outubro de 1997, o Museu Field de História Natural de Chicago comprou Sue num leilão na Sotheby's em Nova Iorque por US\$ 8,36 milhões, financiado em parte por empresas como Disney e McDonald's. O esqueleto foi colocado em exposição em Maio de 2000, onde permanece até hoje aberto à visitação.

History.com

O sotaque da luz



CARLOS DOS SANTOS

O Julinho saiu da casa de banho, já de pijama vestido, e foi à procura da mãe. Encontrou-a no escritório, mergulhada na penumbra, visível apenas pela brecha que a catarata de luz que jorrava do candeeiro sobre a secretária rasgava nas trevas, como se fosse uma cortina entreaberta. Às cotoveladas, lá conseguiu ziguezaguear através da cordilheira de papéis que a cercavam e acercar-se dela. Deu-lhe um beijinho na face e disse:

- Boa noite, mamã!
- Mausiku, Julinho.
- O que é que disseste, Mãe?
- Eu disse “Boa noite”, na língua da terra onde eu nasci.
- Onde é que tu nasceste, Mãe?
- Eu nasci em Chimoio, na província de Manica.
- E como se chama essa língua que se fala lá?
- Em Chimoio fala-se Ciwute.
- Ah, obrigado. E como se diz obrigado?
- Mazvita.
- Mazvita, mamã. Mau... Mausi... ku!

E o Julinho, ansioso por revelar o seu novo conhecimento, abalou do escritório a correr, numa gincana arriscada por entre as sombras que povoavam o espaço. Foi ter com o pai, que estava sentado no sofá em frente à televisão, os pés descalços pousados sobre a mesa de centro, a folhear, desatento e ensonado, um jornal qualquer,

cujas páginas iam caindo, abandonadas, sobre o sofá e sobre a carpete, como as folhas amareladas da amendoeira lá fora, no quintal. Pigarreou e disse-lhe:

- Mausiku, papá!
- Uhn? O que é que disseste, Julinho?
- Eu disse: Boa noite, papá. Como é que tu não percebeste?
- Em que língua, Julinho? – Murmurou o pai, a voz arrastada, os olhos semicerrados.
- Na vossa língua, pai. A mãe disse que a vossa língua se chama Ciwute.
- Não, Julinho, nesse caso, essa não é a nossa língua. A língua que se fala onde eu nasci chama-se Shimakonde.
- Shimakonde?! E onde é que se fala essa língua, é em Chimoio também?
- Não. É em Cabo Delgado.
- Isso quer dizer que onde tu nasceste falam de uma maneira diferente de onde a mamã nasceu?
- Falamos, sim. Usamos palavras diferentes, mas dizemos as mesmas coisas.
- Então, e como se diz “Boa noite” e “Obrigado” em... Shimakonde?
- Boa noite, diz-se Machala alhulo e obrigado diz-se Assante.

- Machala alhulo, papá – disse o Julinho, arrastando as palavras, mas cheio de orgulho, dando um beijo na face do pai, que o retribuiu, dizendo: - Machala alhulo, Julinho. Assante. Vendo-se inesperadamente em posse de um tal acervo de conhecimentos novos, o Julinho não ia conseguir pregar olho sem antes os exhibir a alguém. Em casa, àquela hora, só restava o senhor Azarias, o guarda. Por isso, cuidando de não fazer barulho para não ser interceptado pelos pais, e ver a sua escapadela interrompida, tratou de se esgueirar para o quintal, com essa intenção firmada. Localizan-

do-o entrincheirado na guarita junto ao portão de entrada, onde ele se acotava das sombras que se moviam e da cacimba que já começara a pousar sobre a cidade, dirigiu-se sorratamente a ele, e sem delongas disparou, pregando-lhe um valente susto:

- Machala alhulo, senhor Azarias.
- Machacha o quê, menino Julinho? Não entendi – ripostou aquele, saindo do seu esconderijo, ajeitando o boné.
- Ah, já sei. Então, Mausiku, senhor Azarias.
- Mau o quê? Você, Julinho, está a sentir-se bem? O que está a fazer aqui fora a esta hora? Caiu lá na escola, hoje, ou coisa assim? Está a doer aonde? Está a falar muitas coisas estranhas...
- O quê, também não percebeu? Estou a dizer-lhe “Boa noite” na língua da terra onde o senhor nasceu, então! Como é que não percebeu?
- Boa noite? Ahhh! Afinal? Nesse caso, Dziphelile, menino Julinho.
- Dziphelile quê? Isso quer dizer o quê, agora?
- Ora, quer dizer “Boa noite” na língua da terra onde eu nasci, como o menino Julinho falou!
- O quê, mais outra maneira diferente de dizer “Boa noite”? Afinal, quantas maneiras há para dizer “Boa noite”?

O guarda Azarias ficou hesitante. Aquele não era exactamente o tipo de assuntos em que costumava ocupar os seus pensamentos. Simulou que estava a arrumar qualquer coisa no interior da sua trincheira, para se dar algum tempo para pensar sem que o Julinho se apercebesse das dificuldades em que aquela pergunta o colocara. “Essas crianças de agora, também, fazem cada pergunta!” - Pensou. Por fim, o Azarias lá encontrou uma saída airosa: - Olha, menino Julinho, deve haver

tantas maneiras de dizer “Boa noite” quantas as terras que existem no mundo. Em todas as línguas, as pessoas bem-educadas despedem-se das outras quando vão dormir, desejando-lhes boa noite, e os outros respondem a agradecer.

- Quer dizer que o Senhor Azarias é de uma terra diferente da terra da minha mãe e da terra do meu pai? Onde é a sua terra? E como se chama a língua de lá?
- Eu sou daqui, de Maputo. Nasci na Catembe. O nome da língua que se fala cá é Xirhonga.

- Afinal? E como é que se diz obrigado nessa língua?

- Khanimambo.
 - Mas, então, senhor Azarias, com tantas línguas assim, como é que se conseguem cumprimentar entre si pessoas que falam línguas diferentes?
- O guarda Azarias, que já havia relaxado, retomou a postura militar, como lhe cabia, ensaiou dois passos, e espreitou para fora do quintal, assim como quem verifica se não há nenhum intruso com intenções malévolas emboscado nas redondezas, mais uma vez apenas para ganhar o tempo de poder voltar a rebuscar os apontamentos da única escola que frequentara, a escola da vida, de forma a poder dar uma resposta válida ao Julinho, e a seguir replicou:

- É simples. Olhas para a cara da pessoa, rasgas um sorriso até se verem os teus dentes, e estendes-lhe a mão aberta. Mas, cuidado, devagar – disse, enquanto fazia ele próprio tais gestos e esgares. - Isso quer dizer boa noite em todas as línguas deste mundo. Nesse instante, uma luz azul de grande intensidade acendeu a noite. O Julinho e o Azarias, os dois paralisados pela surpresa, viram um objecto voa-



MALANGATANA Despedida para a guerra

dor que não conseguiram identificar, que rodava sobre si mesmo em velocidade decrescente, a pousar lentamente, envolto no mais absoluto silêncio. De início com o formato de disco, foi mudando de configuração à medida que descia, até se tornar esférico, quando chegou mais ou menos à altura da cabeça do Julinho e parou, suspenso no ar. A luz da coisa esmoreceu, ficando apenas a emanar como um fogo-fátuo.

Da superfície daquele estranho objecto soltou-se uma massa gelatinosa disforme, que foi, pouco a pouco, ganhando uma forma que fazia lembrar um ovo enorme, também ela azul. O ovo tomou o tamanho do senhor Azarias e deslizou, silencioso, em direcção ao Julinho, através do portão, como se ele não existisse, até parar à distância de um braço dele.

O Julinho estava boquiaberto. Já o Azarias, esse, pusera-se na mais erecta posição de sentido, a mão fir-

me aposta sobre o cassetete, em prontidão combativa, a ver em que é que paravam as modas. O ovo começou então a piscar muito rapidamente, numa mistura indistinta de sombras e de cores variadas, enquanto emitia um som:

- Ziuzizizzi!

O Julinho preparava-se para protestar que não tinha entendido nada. E já ia perguntar, “Mas que língua é essa, agora?”, mas calou-se de repente. Em vez disso, afivelou um sorriso com os dentes à vista e, lentamente, esticou o braço ao mesmo tempo que estendia a mão aberta para o ovo, o qual, entretanto, tinha parado de piscar e voltara à sua cor azul original.

Durante alguns momentos não aconteceu nada. Depois, devagarinho, à altura da mão do Julinho, começou a sair um tentáculo do ovo. Enquanto o tentáculo crescia em direcção à mão estendida do Julinho, uma série de excrescências, a fazer lembrar dedos, foram-se formando na ponta dele, engendrando uma mão parecida com a do Julinho, ainda que algo tosca. Até que a mão-tentáculo tocou, primeiro, e a seguir envolveu e afagou a mão do Julinho, o que teve o condão de fazer o ovo mudar de cor e pôr-se novamente a piscar. Tornou-se verde, depois transitou para amarelo, e a seguir para cor-de-laranja. Por fim, pôs-se da mesma cor que o Julinho. O Azarias, entretanto, como ninguém lhe dera qualquer ordem em contrário, mantinha-

se inerte, em postura militar a observar atentamente o desenrolar dos acontecimentos.

O Julinho sentiu um grande conforto naquele contacto com o ovóide. Pareceu ganhar uma áurea que se insinuava na noite que os envolvia aos dois acabando por se tornar ele próprio luminoso.

- Tu também és de outra terra, não és? E falas outra língua. Anda, vem comigo, para me falares do sítio de onde vens – exclamou o Julinho em êxtase com tão inusitado visitante.

Lentamente, muito lentamente, o braço-tentáculo do ovóide deslizou sobre os ombros do Julinho. De seguida, o Julinho virou-se e encaminharam-se ambos para dentro de casa pela porta das traseiras.

Nesse momento, o ovo começou novamente a piscar e o guarda Azarias estava disposto a jurar que ouviu uma voz, que mais ninguém escutou, a dizer-lhe:

- “Isso quer dizer boa noite em todas as línguas deste mundo”, e não só! Nas dos outros todos também.

-Sim, excelência! – Rematou o guarda Azarias, batendo a devida continência.

Por detrás do ovo emergiu um novo tentáculo, que se esticou cerca de meio metro na direcção do Azarias, após o que repetiu o gesto dele quase na perfeição.

A seguir, o Azarias viu, de boca escancarada, o Chefe Ovo e o Julinho atravessarem a parede como se ela não existisse. **9.5.2017**

(I)
Ngizemba dizumba dya iba
Odizumba dya mukwadimi
Kyoso ki ungizukamena!
Ngilenga ku muzukamena!
Kuma odizumba dizu wisa
Owibilu una wakufwisa
Ulembwesa mutu kutenena
Kuditunina, se kumesena
Kukala mukwambela ngwami
Kuxibisa kandale kudixiba!

(II)
Omukwadimi ulengesa
Woso ula ya watululuka
Mukukala mukwambela
Omakutu mu kididi kyakidi
Bwene bwazele wixi bwa xidi
Bwene bwa xidi wixi bwazela
Kyenyeke pe uvudisa maka
Omake mama ma kuzembesa!

Odizumba dya mukwadimi



MÁRIO PEREIRA

O odor de um linguarudo

(I)
Odeio o mau odor/ O odor dum linguarudo/
Quando se aproxima de mim!/ Fujo de me aproxima-
dele/ Visto que este odor faz escorrer/ Aquele
mal que faz perecer/ Que embarga a capacidade de
uma pessoa/ Negar-se, sem querer/ Estar a dizer
que não quer/ Fazer calar quem não se quer calar!

(II)
O linguarudo faz fugir/ Quem vive em paz/
Quando vai dizendo/ A mentira no lugar da verda-
de/ Onde está limpo diz que está sujo/ Onde está su-
jo diz que está limpo/ E assim multiplica as confu-
sões/ Estas confusões que geram ódio!